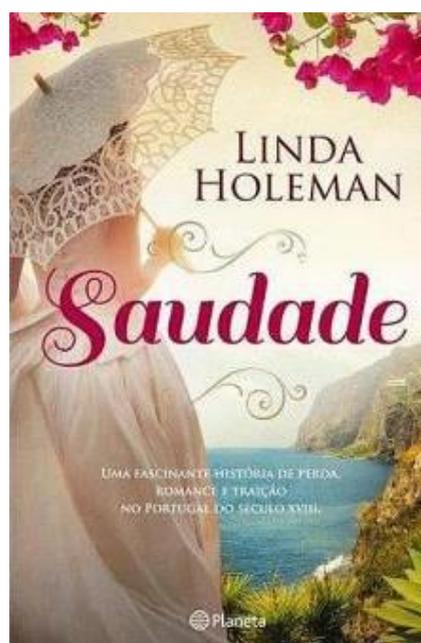
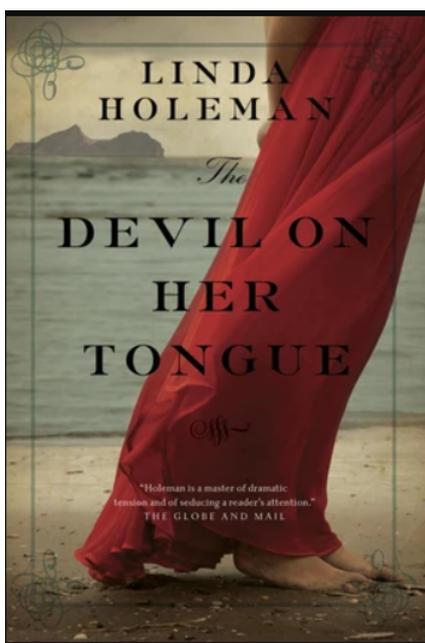


Conflito, traição, determinação e romance: *SAUDADE*, de Linda Holeman [Original: *The Devil on Her Tongue* (2014)]

SUSANA CALDEIRA

 10.34640/universidademadeira2024caldeira



Saudade, de Linda Holeman, é um romance histórico passado no Portugal do século XVIII, com raízes no Porto Santo, ilha que serve de espaço fulcral ao desenrolar da narrativa, bem como ao seu epílogo. Se, no curto prólogo, temos um narrador heterodiegético que descreve o encontro entre Estra – uma feiticeira e curandeira africana de cabelo negro e olhos verdes – e Arie – um louro marinheiro holandês de profundos olhos azuis que deu à costa na praia da Ponta da Calheta –, a partir do primeiro capítulo e até ao final do livro será Diamantina, a protagonista, que narrará na primeira pessoa a sua história de vida. Nesta narração autodiegética, Diamantina acaba por convocar o leitor a participar nas suas aventuras e desventuras, na dor das suas tragédias e na tenacidade do seu amor e da sua determinação.

Do encontro de Estra e Arie surge a premonição de uma união: “Ela nunca vira cabelo assim, nem olhos de um azul tão límpido e pálido. Inspirou. § Era ele. Tinha chegado. § Arie ten Brink julgou que Estra era uma aparição, talvez a Madonna Negra de que ele

tinha ouvido falar” (HOLEMAN, 2015:10). E desta união nasce Diamantina que, no início do primeiro capítulo, no ano de 1745, tem já treze anos e debate-se com a partida do pai, marinheiro, para quem o Porto Santo se tornou demasiado pequeno e quer voltar para o mar, rumar ao Brasil e fazer fortuna com os diamantes. Impõe-se a primeira escolha: acompanhar o seu *vader* ou ficar com a mãe na ilha do Porto Santo, no casebre da praia na Calheta. Apesar da dor da separação opta por ficar, tendo essa escolha determinado o seu destino.

Vista como um ser bizarro, Diamantina era mais alta que as raparigas da idade dela, com um cabelo quase branco de tão louro, pele trigueira e olhos que mudavam de cor consoante a laje da terra ou o prateado do mar. Para além disso, era fruto da união ímpia entre a bruxa e o holandês, dois hereges que viviam na imoralidade do pecado. Estra, mais que feiticeira, era curandeira e ajudava muitos dos ilhéus que a procuravam para curar os seus males ou para trazer mais uma criança ao mundo. O seu saber ia-o passando a Diamantina: “Enquanto outras meninas brincavam com pedaços de lã e pequenas figuras de madeira feitas pelos avôs, eu aprendia os segredos da minha mãe. Sentia as suas receitas e feitiços a tecerem-se sob a minha pele, com pontos ínfimos e cuidadosos.” (HOLEMAN, 2015: 37). Tais características faziam com que as gentes da Vila Baleira a vissem como uma criatura estranha, uma bruxinha que era temida e que não merecia qualquer gesto de caridade, tratando-a com desdém quando a avistavam na vila que Diamantina descrevia assim:

Tratava-se da única vila do Porto Santo, um porto tranquilo onde as notícias do mundo exterior chegavam irregularmente, por intermédio de rumores. Em três dos lados da praça principal havia talhos e peixarias, com os seus cheiros lúgubres a sangue e ossos. Também havia lojas que vendiam tudo, desde pano e linha a pratos, tachos e panelas de lata, cordel, especiarias e prensas para azeitonas. O mercado, em que as mulheres da zona vendiam ovos, queijo, fruta, vegetais e todo o género de artigos da época, era instalado em mesas bambas de madeira e mantas à sombra das palmeiras e dos dragoeiros que formavam um toldo por cima da praça. A Igreja de Nossa Senhora da Piedade, com a sua piscina de água benta à entrada, dominava o quarto lado da praça.

Em bancos espalhados à sombra das árvores, agricultores, de chapéus de palha bem largos, tendo atravessado a ilha para levarem cereais ao mercado, encontravam-se com pescadores, com quem tomavam vinho e tagarelavam. À medida que as sombras se alongavam e o dia ia progredindo, chegavam mais homens. À tardinha, jogavam à malha ou, com baralhos de cartas grossas, à sueca.

Uma rua larga partia da praça em direção à doca comprida e estreita que dava para o mar. Eram usados esquifes para contornar a ilha ou para remar até aos navios que ancoravam nas águas mais profundas do Atlântico, a uma distância segura dos baixios próximos da praia. Havia sempre paquetes da Madeira, que transportavam correio, a *Gazeta de Lisboa*, produtos alimentares, vinho e um ou outro passageiro; ao longe, viam-se as caravelas e os bergantins, que eram maiores (HOLEMAN, 2015:34-35).

Porém, Diamantina não pertencia a esta vila. Pertencia ao mar, à praia, ao sol, ao casebre da praia na Ponta da Calheta, mas não à vila. Ela nunca seria como as outras raparigas da sua idade que “[t]inham dotes e casariam, com parceiros escolhidos pelos pais entre os rapazes da ilha” (HOLEMAN, 2015: 50). Essas moças na praça da Vila Baleira, as que usavam sapatos, apontavam para ela e segredavam. Nunca seria uma delas: “– Quem casaria comigo? Sou uma marginal tão desprezada como a minha mãe” (HOLEMAN, 2015: 60). E, de facto, de tão desprezadas, eram ambas segregadas da comunidade ao ponto de, mesmo na altura em que a fome e a pobreza grassaram na ilha do Porto Santo, ninguém lhes fiar o que quer que fosse e não serem merecedoras da cesta de caridade que a paróquia da Piedade doava aos pobres da ilha. Viviam daquilo que a natureza lhes dava e quando a natureza também lhes faltou, Diamantina não teve outra escolha senão pedir ajuda ao padre de Chagos e aceitar receber uns míseros réis para limpar a igreja e ajudar a soror Amélia, uma carmelita descalça, também ela segregada pela sua comunidade cristã e enviada para o Porto Santo para cumprir penitência por ter ajudado uma noviça a escapar do convento para ir ter com o homem que amava.

É interessante verificar que muitas das personagens de Linda Holeman, neste romance, trazem consigo uma marca que, se não de nascença, será, pelo menos, uma marca que os prende ao passado, como um castigo que terão de exorcizar através da penitência ou da dor. No caso da soror Amélia, representante da moralidade católica, tem de viver descalça, enclausurada na igreja da Piedade, no Porto Santo, sem poder falar com alguém ou ser vista (exceção feita ao padre de Chagos e a Diamantina); já Diamantina, representante da natureza selvagem, da imoralidade e do pecado, tem de viver segregada e estigmatizada, desejando deixar o Porto Santo e encontrar uma oportunidade para juntar-se ao pai, no Brasil. Ainda que de lados opostos, ambas acabam por representar o desvio à norma instituída, aos padrões morais e, tanto uma como outra, experimentam o exílio forçado num lugar onde não querem estar.

Abílio Peres, um rapaz que também vive num casebre da praia, é quem primeiro lhe promete a saída da ilha: “– O Brasil é o sítio para se fazer fortuna depressa. – Segurou-me a mão e aproximou-a dos lábios. – Queres vir para o Brasil comigo?” (HOLEMAN, 2015: 75). Ele próprio marcado pelo abandono dos dois irmãos mais velhos, pela morte da mãe, vítima dos punhos do pai, pela ira de um pai tirano a quem ele acaba por dar a morte, não consegue imaginar a sua vida preso no Porto Santo: “– Mal posso esperar por deixar esta ilha de vez. Não fui feito para a vida numa ilha. Preciso de mais” (HOLEMAN, 2015: 81). Diamantina enamora-se dele e acabam por ter uma relação ilícita, ao ponto de ela ser falada na vila e de as pessoas deixarem de a procurar como curandeira. Quando, por influência de um tio do Funchal, Abílio se revela perigoso e começa a tratá-la mal, todos os

sonhos de Diamantina se desmoronam: “Para além de bruxa e herege, eu passara a ser vista também como a pega que tanto Rodrigo e Abílio haviam dito que era” (HOLEMAN, 2015: 91). A partir deste momento, Abílio Peres passa a ter o papel de antagonista na narrativa, passando a representar o lado mais negro das personagens de Linda Holeman neste romance.

Diamantina, já com 16 anos e com o estigma que carrega, é dispensada da igreja e arranja o único trabalho possível: na estalagem de Rooi Eikenboom, um holandês amigo do seu pai que possui um estabelecimento imundo, com mesas pegajosas, onde os marinheiros beberrões se demoram todas as noites. Começa a fazer sucesso com as misturas de vinho, com o jogo do dominó e com as vendas e consegue amealhar o dinheiro suficiente para a sua subsistência, mas não para comprar uma passagem para o Brasil. Passados três anos da partida de Arie ten Brink, o padre de Chagos continua a dizer que não chegaram notícias do seu pai e Diamantina desespera no seu exílio forçado, marcada por um estigma que a acompanharia: “Apesar de nunca permitir que os marinheiros me tocassem, esquivando-me às suas tentativas embriagadas e desajeitadas de me beijarem ou agarrarem os seios, o meu trabalho na estalagem, com o conhecimento do meu comportamento com Abílio, marcava-me como a mulher mais reles do Porto Santo (HOLEMAN, 2015: 102).

Entretanto, revela-se a verdadeira história de Estra, na verdade Shada, mãe de Diamantina que, após as profecias de futuro e de passar os seus poderes para a filha, morre. Diamantina fica só no mundo e tudo o que tem é o trabalho na estalagem que cessa após uma brutal violação por parte de um marinheiro bêbedo. Humilhada, magoada e sozinha, escolhe aceitar uma proposta que um homem lhe tinha feito para ir cuidar de um menino para a Madeira. Em conversa com o padre de Chagos, que a quer fora do Porto Santo, fica a saber que Bonifácio Rivaldo havia sido padre Jesuíta durante dez anos e que deixara há pouco o sacerdócio. A criança era a sua penitência. Só mais tarde, em conversa com Bonifácio, percebe que este quer levá-la dali como esposa: “O padre de Chagos pedira-lhe que me levasse do Porto Santo, mas não lhe contara a verdade a meu respeito – que eu era uma mulher perdida e que a maioria da população da ilha me via com temor e desdém?” (HOLEMAN, 2015: 139). Apesar de não querer casar com o ex-padre, Diamantina jurara fazer o que fosse preciso para ir embora do Porto Santo. Bonifácio garantia-lhe que, não obstante o casamento, não viveriam como marido e mulher: “Casaremos, mas não viveremos como marido e mulher. [...] Apesar de ter abandonado o sacerdócio, mantenho os principais pilares da minha antiga vida: pobreza, castidade e obediência a Cristo. Castidade – repetiu, com um ligeiríssimo rubor a afluir-lhe às faces» (HOLEMAN, 2015: 142). Diamantina acaba por concordar com as suas condições que, no fundo, serviriam

também aos seus intentos: “Eu estava a fazer o que era preciso para deixar o Porto Santo, a encarregar-me do meu destino, aquele que a minha mãe me dissera ser o meu” (HOLEMAN, 2015: 147).

Chegados à Madeira, mais uma vez, o sonho de Diamantina é frustrado ao perceber que não vai viver no Funchal ou perto do mar. Vai para o Curral das Freiras, um outro exílio, desta vez entre as montanhas e o céu: “As montanhas pareciam altas muralhas que me aprisionavam e escondiam tudo, excepto um pedaço de céu” (HOLEMAN, 2015: 168). Aí cuidaria de Vitorino Rivaldo, pai de Bonifácio, um homem marcado pela doença que determinará a sua morte, e de Cristiano, a criança escrava trazida do Brasil, também ela marcada no corpo pela letra T e por uma cruz, e marcada na alma pelo medo que mostrava ter sempre que estava perto de Bonifácio. É ainda no Curral das Freiras que conhece Espírito, o irmão de Bonifácio por quem se sentirá irremediavelmente atraída, e a sua mulher Olívia que padece de uma doença de foro pulmonar, marca que ditará o seu futuro. É ali que fica a conhecer o pecado do padre de Chagos, do Porto Santo, que durante anos guardou as cartas e o dinheiro que o pai de Diamantina lhe enviava e que teria entregado apenas a Bonifácio. À beira da morte, o pároco da Igreja da Piedade envia-lhe a última carta que permite a Diamantina o contacto com o pai como sempre sonhara. É também ali que fica a saber o motivo pelo qual Bonifácio caiu em desgraça, para sempre marcado pela vergonha e porque, a caminho de Lisboa, optou por ficar na Madeira como penitência:

Quando, por fim, o navio aportou no Funchal para se apetrechar de mantimentos para seguir até Lisboa, deixei o Cristiano no camarote e fui até ao convés. Não sabia o que sentiria quando olhasse para a Madeira ao fim de tantos anos longe. Julgara que nunca mais voltaria a vê-la. No entanto, ao inspirar o ar ameno e familiar, um raio de Sol iluminou as montanhas. Acreditei que se tratava de um sinal: eu estava perdido e rezara todos os dias por que me fosse revelado o caminho. O sol nas montanhas foi como o dedo de Deus, a apontar para o sítio a que eu pertencia: a minha terra, o Curral das Freiras. Estava a ser-me mostrada outra parte da minha penitência, que eu não imaginara até esse momento: ter de enfrentar o meu pai e o meu irmão e confessar-lhes que não era digno de ser padre. Enfrentar a paróquia e todos aqueles que me tinham visto partir para o seminário e depois para o Brasil, enfunado por um orgulho que não conseguia disfarçar. Sabia que teria de olhar para todos aqueles rostos e aceitar que era merecedor de desprezo e desdém, e que eles sabiam que assim era (HOLEMAN, 2015: 204-205).

Apesar de Diamantina tentar fugir do Curral das Freiras por duas vezes (sem sucesso), é só após a morte do sogro, e uma vez que o senhorio se apoderaria da casa onde viviam, que Espírito convence Bonifácio a mudarem-se para o Funchal, onde ele poderá candidatar-se a uma posição de gerente da Casa de Contas da Kipling, a empresa de vinhos da qual Espírito é intendente. É no Funchal, na casa de Olívia e Espírito, que Diamantina fica a saber que Olívia e Bonifácio estiveram para casar antes de ele entrar para o

seminário. Essa marca na vida dos três intervenientes explica o desconforto sentido sempre que estão juntos. A aproximação ao Funchal e ao mar trará outros dissabores trágicos, ao contrário do previsto. Abílio Peres, recentemente casado com D. Isabel, é o genro do senhor Martyn Kipling e o contratador de Bonifácio. Não o contrata, porém, sem antes subjugar Diamantina aos seus caprichos sexuais fazendo uso da chantagem:

– Tens o teu futuro nas tuas mãos, Diamantina. Estou certo de que o teu marido não é mais competente do que muitos outros que têm vindo candidatar-se. Casando-me com a Beatriz, tornei-me parte importante da gerência da Kipling. O meu sogro irá pedir a minha opinião e levá-la a sério. Se me visitares, conforme te peço... – Ele fez uma curta pausa. – ... e chegarmos a acordo, direi ao Martyn que não há dúvida de que o melhor homem para este cargo é o Bonifácio Rivaldo (HOLEMAN, 2015: 301).

Abílio oferece, de facto, a gerência da Casa de Contas a Bonifácio e o lugar de curandeira da Quinta Isabela a Diamantina (após esta ter ajudado o filho de D. Beatriz a nascer). Assim, “Abílio podia chamar-me a qualquer hora, ameaçando dispensar Bonifácio se eu não me submetesse aos seus desejos (HOLEMAN, 2015: 315). E quando ela recusou, Abílio violou-a sem dó nem piedade. Entretanto, Abílio e D. Isabel mudam-se para Lisboa, Diamantina ajuda Espírito na sala de misturas da Kipling com os seus conhecimentos de enologia até que um dia ela percebe que está grávida, fruto da violação de Abílio. Ainda que tente abortar, foi obrigada a prosseguir com a gravidez e a revelar o seu pecado a Bonifácio, sem, contudo, dizer-lhe quem era o pai. Bonifácio acaba por aceitar a criança como mais uma provação. Espírito sabe que aquele bebé não pode ser do irmão que é castrado e Olívia fica muito triste porque não pode ter filhos. Diamantina recebe uma carta a dizer que o pai tinha morrido. O seu sonho morrera ali: “Ao longo dos cinco anos anteriores, isso fora tudo aquilo que me dera alento – o meu pai e o seu amor. Isso tinha acabado. O que significaria? Que teria de ficar para sempre presa a Bonifácio, com um filho que não conseguia imaginar, de um homem que odiava?” (HOLEMAN, 2015: 363). Candelária nasce já marcada por um estigma: “para o resto da vida, sempre que olhasse para o rosto da minha filha, ela lembrar-me-ia o homem que me levava a odiar-me” (HOLEMAN, 2015: 368) e também com uma marca de nascença num dos pés, denunciadora da paternidade.

Numa visita de D. Beatriz ao Funchal, esta que também era entendedora da mistura e produção de vinho, vê em Diamantina uma aposta segura para ajudar Espírito na adega, sobretudo numa altura em que se põe em marcha uma parceria com Henry Duncan:

– D. Beatriz não quis contratar outro homem? Inquiriu Espírito.

– Ela quer alguém em quem possa confiar e opôs-se às escolhas do marido para um intendente a tempo parcial. Depois fez-me perguntas quanto ao conhecimento da Diamantina. Eu contei-lhe a verdade... que a Diamantina tem a língua de um enólogo – disse ele [Henry Duncan], a olhar para mim e a sorrir. – Um excelente sentido do paladar (HOLEMAN, 2015:391).

Diamantina começa, então, a trabalhar com Espírito nessas vindimas. Entretanto, Olívia piora muito e pede a ajuda de Diamantina para morrer. Candelária continua a crescer e, com dois anos, não se parece com Diamantina nem com Abílio, mas cada vez mais com Shada, a sua avó: “Teria também o dom da vidência, como a minha mãe? [...] Pensava nela como sendo apenas minha filha, por completo, como se tivesse crescido dentro de mim sem a semente de Abílio. Quase me permitia acreditar nisso” (HOLEMAN, 2015: 405). Porém, numa festa do vinho organizada por Diamantina na Quinta, Abílio aparece sem se fazer anunciar e acaba por ver os pés de Candelária, confirmando que tinham o mesmo sinal de nascença. Ameaça revelar este segredo se Diamantina não se subjugasse a ele, mas esta marca-o com uma faca no pescoço, acabando definitivamente com o medo e com qualquer chantagem que ele pudesse fazer: “– Posso mexer esta faca, quase nada, e deixar-te a sangrar até à morte. Por isso, cala-te e ouve com muita atenção. Nunca mais voltas a incomodar-me ou à minha filha. Eu desempenho o meu trabalho na adega e nós continuaremos a viver na quinta. Mas tu nunca mais vais exigir-me que venha ter contigo” (HOLEMAN, 2015: 418).

Liberta deste peso, Diamantina deixa fluir a sua paixão por Espírito que é correspondida. Bonifácio pretende voltar à congregação e à sua missão no Brasil, mas o pedido é-lhe negado. Acreditando sempre que Candelária é filha do seu irmão e que está possessa pelo fruto do pecado, insiste em que a menina deveria ser freira no Convento de Santa Teresa de Jesus em Lisboa. Diamantina não o permitirá, mas cada vez mais tem a certeza de que deve ocultar de Bonifácio o dom visionário de Candelária. Depois de saber que Espírito irá para sempre para o Brasil – Abílio havia anunciado a venda da Kipling e da Quinta – Diamantina foca o seu esforço em trazer a soror Amélia do Porto Santo. Após ter pago o seu perdão com os seis diamantes que o pai lhe enviara, desloca-se até à ilha para resgatar a freira, aproveitando Bonifácio para fugir para Lisboa com Candelária.

A ação muda para Lisboa, para onde Diamantina e Cristiano se dirigem na tentativa de salvar Candelária do Convento. Numa corrida contra o tempo, a trama atinge o seu auge com o resgate da menina e a revelação de todas as verdades, culminando com a morte de Bonifácio, a fuga de Abílio e a aliança reforçada de Diamantina e D. Beatriz. No epílogo, Candelária tem 14 anos e já se tornou mulher pelo que as duas vão ao Porto Santo e, no ritual da fogueira na Ponta da Calheta, Diamantina desenhara as marcas no corpo da filha:

- Quero o símbolo da sereia, pela tua mãe, e as vinhas, por ti – disse ela.
- E que marca escolhes para ti mesma, Candelária?
- Esta – disse ela e, com um pau, desenhou na areia o que parecia ser uma pena rodeada por estrelas. Não lhe perguntei o que significava; cabia-lhe a ela sabê-lo” (HOLEMAN, 2015: 539)

Para além desta simbologia, o leitor é presenteado com um final feliz. Diamantina e Espírito estão juntos e tiveram um filho, Abílio morrera seis anos antes e D. Beatriz casou-se com Henry Duncan, aumentou a empresa de vinhos e manteve a Quinta. Cristiano casou-se e Espírito e Diamantina acabam por criar também a sua própria companhia de vinhos.

Sem uma complexidade literária exacerbada, este romance histórico pretende, antes de mais, entreter o leitor não deixando de representar o passado, com qualidade literária, tornando-o palpável através do recurso a eventos e a personagens históricos no desenrolar da narrativa.

Linda Holeman, sendo canadiana, teve de fazer muita pesquisa sobre variadíssimos temas, aliás, como a própria refere nos agradecimentos que faz às pessoas e instituições que tanto a ajudaram a perceber os contextos e os espaços em que as suas personagens se movem. Antes mesmo de deixar que o leitor perceba que Estra, ou Shada, é uma escrava argelina atirada ao mar, dá conta da passagem dos argelinos pelo Porto Santo: “E fora ali, em tempos passados, que piratas da Argélia tinham aportado e levado muitos habitantes do Porto Santo, para os venderem como escravos” (HOLEMAN, 2015: 30). Aproveita o conhecimento que tem sobre o negócio de vinhos dominado pelos ingleses no Funchal e sobre as quintas que estes possuíam nos arredores da cidade para dar utilidade aos artefactos que eram encontrados na praia por Arie ten Brink e pela própria Diamantina. Tais artefactos poderiam render dinheiro uma vez que “seriam comprados pelas poucas famílias mais abastadas que viviam na Vila Baleira”, por algum marinheiro ou por um qualquer mercador da Madeira:

com o intuito de comprar itens que venderia aos ingleses ricos instalados na capital, o Funchal, onde prosperavam com o crescente comércio do vinho. Os ingleses, dizia ele [Arie, o pai], adoravam velhos artefactos invulgares e objectos de colecção de navios piratas estrangeiros, com os quais decoravam as quintas sofisticadas que tinham edificado nas colinas verdejantes nos arredores do Funchal (HOLEMAN, 2015: 33).

Na versão original deste romance, a inglesa (*The Devil on her Tongue*), Linda Holeman mantém inúmeras palavras em português, fosse porque a sua tradução poderia não ser a mais exata, fosse para dar mais veracidade ao que quer retratar, ou seja, para aproximar a narrativa ficcional do real narrado. Assim, aparecem palavras como “obrigado”, “bruxa”, “bruxinha”, “estrangeira”, “bolo do caco”, “arraiais”, “curandeira”, “pastéis de

nata”, vinho “surdo”, “travessia”, “poios”, “quintas”, “levadas”, “borracheiros”, “mosto”, “caseiro”, “licor de castanha”, “adega”, “vinho da roda”, “lagar”, entre muitas outras.

Também as diferentes castas de vinho produzidas na Madeira são mencionadas, até porque as adegas e a produção de vinho ocuparão grande parte do centro geográfico desta narrativa que se quer histórica:

Aprendi a identificar os vinhos, do mais doce, da casta Malvasia, com o seu aroma pungente a ameixas e com a riqueza suave de açúcar torrado, e da casta Boal, com o seu sabor cheio a passas, ambas plantadas nas regiões mais baixas da Madeira, até àquelas que se davam melhor em zonas mais elevadas. A Verdelho era rica e dourada, com um aroma a amêndoas, enquanto a mais seca, a Sercial, tinha a ligeira amargura do café torrado, esaldada pelo ar marinho e pelo sol sulino. Eu inspirava e depois, quando acertava – por norma, era isso que acontecia – Rooi assentia e eu tomava um golinho. Ele instruía-me a manter o vinho na boca, deixando-o infundir-me a língua e as bochechas, e a sentir-lhe a textura enquanto me descia pela garganta (HOLEMAN, 2015: 39).

E mais tarde no Funchal:

E, quando voltava com os meus cestos, era frequente atravessar o pátio por trás da Casa de Contas. Por vezes fazia uma pausa na adega e admirava os enormes tonéis de vinhos feitos a partir das castas madeirenses: o forte Verdelho, de um verde-claro, o doce Terrantez, o Boal carregado e o mais suave e compacto Sercial, a tinta robusta de tinto usado sobretudo para as misturas (HOLEMAN, 2015: 380).

Ou quando Diamantina, após ter provado estar apta à mistura e produção de vinho, é convidada a trabalhar na adega da Kipling, Espírito dirige-se a ela:

Pode trabalhar comigo, para começar verificando o mosto que os borracheiros trazem das vinhas, pesando-o e garantindo que o nosso pagamento aos proprietários corresponde ao que nos entregam. Se verificar que isso está ao alcance das suas capacidades, pode revezar-me na negociação de preços com os proprietários, dependendo da época e da qualidade das uvas. Terá de verificar os barris com regularidade, provando o vinho para se assegurar de que progride adequadamente. Quando estiver pronto, supervisionará o despejar dos tonéis para as pipas que depois serão embarcadas (HOLEMAN, 2015: 392).

Como Diamantina era uma rapariga letrada, nomes como a *Gazeta de Lisboa* e o do poeta, dramaturgo e romancista Baltazar Dias aparecem no romance, dando importância à temporalidade, fator relevante na narrativa na medida em que ajuda a determinar o contexto histórico das personagens:

Eu procurava notícias do mundo exterior, lendo a *Gazeta de Lisboa* que o pacote trazia, e lamentava não ter com quem falar dos acontecimentos que ali descobria: os nascimentos, os baptismos, os casamentos e as mortes dos nobres dignitários de Portugal, a representação da família real em cerimónias da corte, o naufrágio de um bergantim junto à costa do Algarve ou uma peça das vidas dos santos escrita por

Baltazar Dias e levada à cena no Teatro Salitre. A minha mente enchia-se de imagens de grandes edifícios e da vida na enorme cidade de Lisboa (HOLEMAN, 2015: 103).

O romance também não deixa de abordar temas que caracterizam os locais, como é o caso do Curral das Freiras: "Diz-se que originalmente este sítio era um refúgio para as freiras do Funchal, que aqui se escondiam dos ataques corsários. Outras histórias dizem que a terra foi concedida às primeiras religiosas que chegaram à Madeira. Foi isso que lhe deu o nome" (HOLEMAN, 2015: 167). Ou, ainda, temas que realçam a sociedade da época. Referimo-nos, neste caso em particular, ao sistema de colônia:

Nenhum dos pequenos agricultores da Madeira é dono da sua terra. O meu pai é um caseiro. Arrenda a terra a um senhorio que vive no Funchal. Os senhorios descendem dos primeiros colonos a quem a coroa portuguesa outorgou grandes extensões de terra. Todos os anos o caseiro tem de pagar ao senhorio parte dos lucros da vindima» (HOLEMAN, 2015: 168).

Ainda sobre a sociedade da época, não deixa de ser interessante a importância já então dada aos comerciantes de vinho ingleses. Quando Diamantina diz a Espírito que viu várias tabuletas de comerciantes de vinho no Funchal, este explica-lhe:

São todas de ingleses. Nós, portugueses, só trabalhamos para eles. [...] Desde meados do século passado que os nossos vinhos os atraem e que lucram com os acordos comerciais. Proibiram a exportação de vinhos europeus para colónias inglesas, a menos que passem por portos ingleses e em navios com a bandeira inglesa. A única exceção a esta regra era a Madeira, o que levou naturalmente a ilha a tornar-se fornecedora habitual de todos os navios destinados aos postos avançados do Império Britânico, sobretudo nas Antilhas e nas colónias americanas. [...] E depois o Tratado de Methuen, no início deste século, ocasionou excelentes relações comerciais entre Portugal e a Inglaterra. Ofereceu-nos um imposto muito mais baixo sobre o vinho exportado para Inglaterra e, em troca, nós eliminámos as restrições à importação de mercadorias inglesas (HOLEMAN, 2015: 224-225).

Numa cidade dominada pelos usos e costumes britânicos, as famílias madeirenses mais abastadas da ilha não só vestiam e mobilavam as suas casas à "inglesa", como também acreditavam que, por exemplo, os médicos ingleses excediam em competência os portugueses ou as habituais curandeiras. Quando Diamantina, como curandeira, oferece ajuda à sua cunhada Olívia esta responde-lhe com desdém e altivez: "– Uma curandeira campesina nada pode fazer por isto. Tenho recebido cuidados do melhor médico inglês no Funchal" (HOLEMAN, 2015: 250). Também as Quintas, os seus diferentes espaços, a decoração com móveis ingleses e a profusão de flores que continham não escaparam ao interesse da autora. E nem o tema da escravatura, comum no século XVIII, foi deixado de

lado. Ao ver as mulheres negras que circulavam na Quinta Isabela, Espírito explica a Diamantina:

– O senhor Kipling e a sua falecida esposa, à semelhança de muitos madeirenses, não toleravam a escravatura. Quando compravam escravos da África Ocidental para virem trabalhar para a Quinta Isabela, davam-lhes logo os documentos de alforria, em troca de cinco anos de trabalho, mas muitos ficaram depois desses cinco anos, vivendo como homens e mulheres livres, que recebem um salário, moram numa casa agradável e desfrutam dos encantos da quinta.

Pensei nos muitos mulatos e cabritos que tinha visto nas ruas do Funchal. A senhora Luzia tinha-me dito que eram descendentes dos escravos africanos levados para a Madeira quando esta ainda se encontrava escassamente povoada. Tinham começado por trabalhar na indústria do açúcar, que era a especialidade da ilha antes do vinho (HOLEMAN, 2015: 289).

Referindo-se ainda a episódios históricos e contextualizando a sociedade de então, D. Beatriz Kipling Peres, tendo-se mudado para Belém, escreve frequentemente a Diamantina. Numa das cartas refere-se aos autos-de-fé e à opulência da família real quando fala de Lisboa:

Só escravas, criadas e mulheres das classes trabalhadoras se vêem nas ruas de lá. As senhoras da sociedade mantêm-se respeitavelmente enclausuradas, a menos que acompanhadas pelos maridos ou pelos pais. A loucura dos autos-de-fé é terrível; por outro lado, há a pompa e a cerimónia da família real que desfila pelas ruas em carruagens opulentas, e o esplendor das igrejas com os seus altares de ouro e prata, cravejados com pedras preciosas (HOLEMAN, 2015: 395).

Também quando Diamantina ruma a Lisboa para resgatar a filha do convento, faz uma descrição da cidade, falando da “antiga residência real do Castelo de São Jorge”, bem como da confusão da doca onde barcos de pesca e caravelas descarregavam mercadorias entre gritos a ecoarem e riquezas transportadas por escravos (HOLEMAN, 2015: 477). Mas o auge acontece com o terramoto de 1755 contado na primeira pessoa pelo narrador autodiegético. Diamantina, vivendo com Cristiano o terramoto, acaba por conseguir salvar a filha do convento perante a confusão que lá se instalara. A justiça e o trabalho levados a cabo pelo Marquês de Pombal, ao serviço do rei D. José, também são realçados, conferindo à narrativa a temporalidade e verosimilhança necessárias para o enquadramento histórico pretendido.

Para além de ter uma grande preocupação com o espaço e o tempo em que a ação ocorre, existe neste romance histórico a preocupação em explorar as experiências individuais e os aspetos psicológicos das suas personagens. E num enredo onde predominam a vergonha, o conflito e a tragédia eminente, acaba por revelar-se uma bonita história de amor onde a determinação assume o papel principal.

Referências Bibliográficas

HOLEMAN, Linda (2015), *Saudade*, trad. Raquel Dutra Lopes, Lisboa: Planeta.

Susana Caldeira - Mestre pela Universidade da Madeira em 2005, estudou Cultura e Literatura Anglo-Americanas e focou a sua pesquisa na emigração madeirense para o Hawaii, fazendo uso do diálogo fértil entre múltiplas ciências como a História, a Sociologia, a Antropologia, a Etnografia, etc., para explorar temas como mobilidade, identidade, alteridade, preconceito, racialização, aculturação, entre outros. Os seus interesses focam-se, sobretudo, no âmbito da cultura e literatura insulares e tem revelado alguma pesquisa sobre o papel da mulher nas migrações. Tem vários artigos publicados. É investigadora no Centro de Estudos de História do Atlântico – Alberto Vieira da Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira.

Contacto: susana.coc.caldeira@madeira.gov.pt.